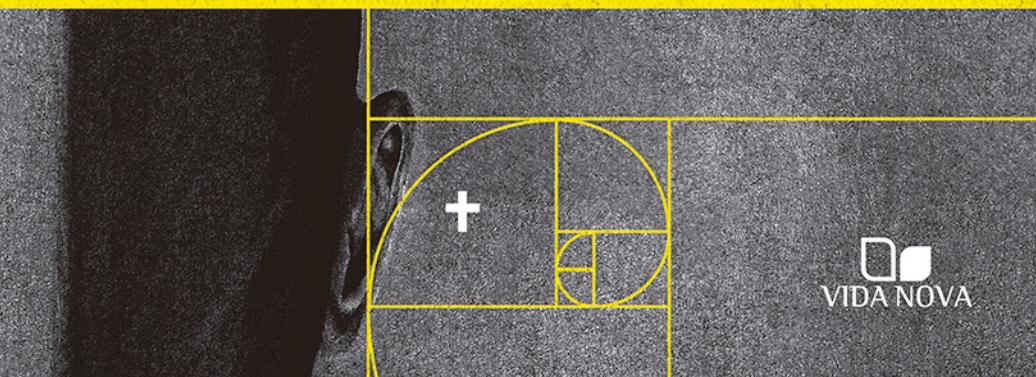


R.C.
SPROUL

EM BUSCA

DE VENDO A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM

SIGNIFICADO




VIDA NOVA

Vivemos em uma época de grande confusão sobre muitas coisas. Estamos até mesmo seriamente confusos a respeito de quem somos. Pensar com clareza acerca do que significa ser um ser humano criado à imagem de Deus é uma necessidade urgente de nosso tempo. Essa nova edição da obra de R. C. Sproul, *Em busca de significado*, é oportuna e muito útil para nos incentivar a pensar bíblicamente sobre nós mesmos. Esse livro é acessível e envolvente, vívido e abrangente. Algumas vezes também é extremamente pessoal. Em muitos aspectos, esse livro mostra o melhor de R. C. Sproul.

C. Robert Godfrey, presidente emérito e professor emérito de História da Igreja do Westminster Seminary, na Califórnia, Estados Unidos

É preciso alguém que lutou tão profundamente com a questão sobre *Quem é Deus?* para nos ajudar de forma tão clara e convincente com a pergunta *Quem sou eu?* Em nosso momento atual de confusão, caos e crise acerca da identidade, essa nova edição é algo urgentemente necessário. Com sabedoria bíblica, maturidade teológica e anedotas generosas, o dr. Sproul cobre todos os aspectos de nossa vida, e pinta o retrato da verdadeira dignidade humana.

Stephen J. Nichols, presidente do Reformation Bible College

Esse livro é um clássico de R. C. Sproul. É precisamente o livro de que a igreja precisa para nos ajudar a compreender corretamente a dignidade e o propósito de cada ser humano, pois todos somos portadores da imagem do nosso Deus santo, amoroso e misericordioso.

Burk Parsons, pastor sênior da igreja Saint Andrew's Chapel, Sanford, Flórida, Estados Unidos

Por que todos têm um desejo de significado inato, inegável e que nos motiva (em vários graus)? A obra *Em busca de significado*, de R. C. Sproul, nos conduz, com clareza de conteúdo e também com um estilo envolvente, à resposta bíblica para essa busca insaciável por nosso significado. Alerta de *spoiler!* Desfrute da experiência de folhear algumas páginas

para descobrir por que nossa “busca de significado” revela a realidade de um Criador que não apenas nos cria *propositadamente*, mas também *com um propósito*, e então, por sua graça, propicia uma salvação que nos permite abraçar esse propósito e dele desfrutar.

Harry Reeder, pastor sênior da igreja Briarwood Presbyterian Church, Birmingham, Alabama, Estados Unidos

O mundo pode pensar que possui a prerrogativa de rebaixar alguns e venerar outros, mas a Palavra de Deus pensa de outro modo. Cada indivíduo, não importa quais sejam suas limitações, deve ser tratado com dignidade e respeito, porque cada um reflete Deus — algo que aprendi nos anos em que servi entre pessoas com deficiências significativas. É por isso que estou emocionada pelo fato de uma nova edição da obra *Em busca de significado*, de R. C. Sproul, ser lançada para uma nova geração de leitores. À medida que o dr. Sproul desdobra o poderoso axioma bíblico da dignidade humana, ele mostra ao leitor como efetivamente atribuir valor de vida a pessoas que encontramos todos os dias. Em uma era de políticas de identidade nas quais os fracos e vulneráveis são esquecidos, essa obra é leitura obrigatória!

Joni Eareckson Tada, fundadora da Joni and Friends International Disability Center

Nessa análise profunda, R. C. Sproul explora nossa busca por significado em uma variedade de circunstâncias e lugares. Fomos criados à imagem de Deus para viver em comunhão com nosso Criador e sob seu senhorio. Com a perspicácia que lhe é comum, Sproul nos ensina como e por que desejamos que a vida seja importante. Esse livro é leitura obrigatória para todos: pastores, líderes de igreja e leigos.

Miguel Núñez, pastor titular da Iglesia Bautista Internacional

Nenhum teólogo nos últimos tempos combinou uma visão tão profunda dos vastos domínios da teologia com a rara habilidade de ser facilmente compreendido como R.C. Sproul o fez. Este grande mestre

possuía um dom excepcional de explicar verdades profundas e apresentá-las de uma maneira atraente e cheia de vida. Esse livro é mais um clássico sobre a doutrina da imagem de Deus e do homem. Você precisa abraçar a mensagem desse livro para ter uma consciência apurada de quem Deus o criou para ser.

Steven J. Lawson, presidente do OnePassion Ministries e professor de Pregação do The Master's Seminary. É autor de *Filipenses para você* e *Filipenses: resplandecendo de alegria* (Vida Nova)

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
1. Nossa busca por valorização pessoal	15
2. Nossa busca por amor.....	45
3. Nossa busca por dignidade	89
4. Dignidade no lar	121
5. Dignidade na escola	147
6. Dignidade no hospital.....	163
7. Dignidade na prisão	175
8. Dignidade na igreja	193
9. A opção marxista.....	217
10. Dignidade no local de trabalho	249

PREFÁCIO

Buscas podem ser divertidas — desde brincar de esconde-esconde até participar de uma caça aos ovos de Páscoa no gramado da Casa Branca; desde procurar o local em que os peixes estão mordendo a isca até brincar de caça ao tesouro em uma festa de Halloween.

Buscas podem ser inúteis — desde a busca do velho Diógenes revirando as esquinas mais sombrias de Atenas com sua lanterna, em sua procura vã por um homem honesto, até o cavaleiro medieval que sai em busca do Santo Graal; ou da busca pela mina Lost Dutchman até o fascínio de encontrar Shangri-Lá.

Buscas podem ser entediantes, sendo recompensadas somente após incontáveis horas e prolongados anos de fracasso — como aconteceu com Thomas Edison, que fez experiências com milhares de substâncias antes de encontrar uma que fosse adequada para ser usada no filamento das lâmpadas; ou com Jonas Salk, que examinou milhares de lentes de microscópio antes de descobrir uma vacina para a poliomielite.

Buscas podem ser quixotescas — como a do alquimista à procura de uma fórmula para transformar chumbo em ouro; ou a de Ponce De León atrás da Fonte da Juventude. É como estar à procura de ouro no fim do arco-íris, ou como ir atrás de fogo-fátuo com uma rede de caçar borboletas.

Buscas podem ser obsessivas — como a do capitão Ahab, navegando com a alma perturbada por águas desconhecidas, arriscando sua tripulação e sua missão para se vingar de seu inimigo repugnante, a grande baleia branca Moby Dick. Ou a do gigante, em João e o Pé de Feijão, gritando “Fee fi fo fum” enquanto persegue freneticamente o menino, atrás de sua harpa de ouro.

O homem é caçador por natureza. Anseia por descobrir novas fronteiras, o horizonte perdido, a fórmula mágica e o supremo troféu. Das perseguições de Ninrode ao leão primordial à perseguição implacável do caçador de nazistas, Simon Wiesenthal, a Adolf Eichmann e dr. Josef Mengele, a caça é algo feroz. É como a busca de Colombo pelo novo mundo, de Galileu por uma lua nova ao redor de Júpiter e de Christian Dior por um novo estilo de moda.

Nós somos aqueles que vivem em busca. Saímos à caça de animais e pedras preciosas; da cura para o câncer e de uma forma de solver a dívida nacional. Saímos à procura de empregos, encontros amorosos, pechinchas e emoções. A busca pela felicidade é nosso direito inalienável. Somos como Dorothy, que se aventura para encontrar o Mágico, o maravilhoso Mágico de Oz.

O nosso é um novo mundo, assolado pelo perigo da aniquilação nuclear, dilacerado pela violência do terrorismo internacional, amargurado por nosso fracasso em construir uma sociedade grandiosa. A busca incansável de nossos dias é por dignidade e valorização pessoais. É uma busca poderosa, alimentada pelas chamas de uma paixão que ardem na alma de pessoas que se recusam a se render às vozes que declaram que nada somos.

A busca por dignidade é uma luta titânica, uma aventura épica, movida por uma dor que nunca desaparece. O homem moderno traz em si um vazio repleto de dor. Esse vazio que sentimos não pode ser aliviado por mais uma refeição *gourmet* ou por outra carreira de cocaína. Carregamos água em uma peneira quando tentamos preencher esse espaço vazio com um emprego melhor ou uma casa maior.

Dignidade não se encontra à venda em embalagens. Precisamos procurar mais e sondar mais fundo se quisermos silenciar os brados de indignidade que tanto nos assombram. Nossa busca deve ser transcendente — deve ir além do trivial e alcançar as questões últimas de nosso valor como seres humanos.

Santo Agostinho dizia que, dentro de cada um de nós, há um vazio que deve ser preenchido se quisermos escapar do feroz ataque do flagelo da insignificância. Devemos buscar nossas raízes, nossa origem e nosso destino se quisermos conhecer nosso valor no presente.

Este livro foi escrito por um cristão para cristãos e para qualquer um que esteja envolvido nessa mesma busca. Ele explora o clamor humano por dignidade, o profundo desejo por significado, o sagrado anseio por amor e respeito. Toca na questão desse vazio repleto de dor nas casas, nas escolas, nos hospitais, nas prisões, nas igrejas e no local de trabalho. Onde houver pessoas reunidas, haverá caçadores em busca de uma causa comum: descobrir nosso valor e garantir nossa dignidade [como seres humanos].

Às vezes, este livro é autobiográfico — não como se eu tivesse sido o único a sentir esse vazio de dor, mas por eu poder falar do mais íntimo dessa minha busca, do que está no meu próprio coração. Alguns se identificarão e outros não. Minha dor nem sempre é a sua. E meu deleite pode deixá-lo entediado.

Minha sincera esperança, porém, é que em algum momento nossos espíritos irmanados se encontrem e, apesar de nossas diferenças, sejamos unidos por um compromisso renovado de preservar e proteger a dignidade de homens, mulheres e crianças com quem convivemos todos os dias.

Preciso expressar minha gratidão a Bob e Lillian Love, por me fornecerem um lugar para trabalhar longe das interrupções de telefones tocando e de urgências administrativas; e também a Leo e Todge Collins, por me ajudarem com o material de apoio.

Agradecimentos especiais vão para a sra. Lillian Rowe, por permitir que os momentos de ternura vividos por ocasião da morte de seu marido fossem incluídos neste livro.

Agradeço também a Karen Snellback, por digitar o manuscrito; a Tim Couch e Dave Fox, por assumirem o controle do barco do Ligonier Ministries durante minha ausência; a meu filho R. C. Sproul Jr., pela assistência editorial; e a meus amigos da Regal Books, William Greig, David Malme e a meu paciente editor Donald Pugh, por me incentivarem a escrever este livro e por todo o encorajamento e ajuda que me deram.

Por fim, meus mais sinceros agradecimentos a minha esposa, Vesta. Sem sua ajuda este livro seria muito mais abstrato e menos legível.

R. C. Sproul
Altamonte Springs, Flórida
Julho de 1991

NOSSA BUSCA POR VALORIZAÇÃO PESSOAL

O som estridente do apito ecoou nas paredes frias do ginásio. Toda a ação cessou instantaneamente quando os meninos congelaram na posição em que estavam, parando no meio do movimento como se estivessem brincando de estátua. Todos os olhos se voltaram para Mac, parado em frente ao banco, com o rosto vermelho de raiva e o acesso de fúria materializado no som do apito. Ele assumiu uma postura ameaçadora como a de um policial que acaba de pegar jovens infratores em um ato de vandalismo: mãos nos quadris, pernas afastadas, queixo se projetando agressivamente para frente, como que desafiando qualquer um que ousasse dar um passo em falso.

Mac não era um simples técnico de basquete — ele era o técnico, alguém que inspirava todo aquele misto de medo e respeito que o sargento de um pelotão inspira nos recrutas inexperientes. Seu rosto era anguloso, com maçãs salientes e pétreas, queixo pontudo e olhos profundamente mergulhados nas órbitas. Seu cabelo era vermelho, salpicado de tons arenosos. Naquele momento, captando a

tonalidade que irradiava de seu rosto, as mechas pareciam escarlate, como se chamas estivessem explodindo do topo de sua cabeça.

O apito caiu de seus lábios, balançando a corrente pendurada no pescoço. Um sorriso sardônico lentamente se espalhou por seu rosto, enquanto ele falava em tom suave, mas poderoso: “Ora, ora, o que temos aqui? Um prima-dona?”.

O sorriso desapareceu no ar e, com os dentes cerrados, ele gritou meu nome: “Sproul! Vá dar um passeio. Já para o chuveiro. Chega por hoje”.

Eu estava a seis metros do vestiário, mas a distância parecia não ter fim, como se meus pés tivessem que me fazer atravessar um abismo intransponível até chegar a um lugar seguro. Enterrei o queixo no peito, tentando desesperadamente erguer os ombros bem alto para esconder meu rosto corado, quando comecei a me esgueirar em direção ao refúgio do vestiário. Os olhos de todos estavam cravados em mim, enquanto eu saía, sentindo a humilhação e a vergonha do cadete forçado a desfilar a marcha da desonra diante de seus pares.

A caminhada, que parecia não ter fim, enfim terminou quando a porta do vestiário se fechou atrás de mim e as batidas rítmicas das bolas de basquete no chão de madeira recomeçaram. Eu dei um suspiro profundo ao me sentar no banco em frente ao armário, então comecei a tirar o uniforme de basquete e a desenrolar a proteção dos tornozelos. O vestiário parecia estranho, comigo sentado lá, sozinho, sem as habituais brincadeiras e empurrões que faziam parte do ritual diário durante a troca de roupas. O silêncio era terrível; eu podia ouvir meu respirar ecoando nos armários de aço e nas paredes de azulejos.

A sensação de isolamento ficou ainda mais intensa quando entrei no espaçoso boxe do chuveiro, construído para acomodar doze meninos juntos, cada um com chuveiro e saboneteira individuais. Com o jato forte de água quente batendo nos ombros, eu estava sentindo a dor provocada pelas palavras do técnico.